

PRAÇA THEODORO NEWTON DIEDRICHS: LUGAR DE MEMÓRIA

Jeferson do Nascimento Machado

(Universidade Estadual do Centro-Oeste)

Resumo: O presente texto tem por pretensão analisar a Praça Theodoro Newton Diedrichs, utilizando o conceito de “apropriação”, de Michel de Certeau e “lugar de memória”, de Pierre Nora. A pesquisa foi desenvolvida utilizando-se da leitura de fontes orais, de um jornal impresso e um relato informal obtido via internet.

Palavra-chave: Lugar de memória; apropriação; praça; Imbituva.

INTRODUÇÃO E PROBLEMATIZAÇÃO

Este pequeno estudo, relacionado à Praça Theodoro Newton Diedrichs, que está localizada na cidade paranaense de Imbituva, é resultado final da disciplina de “História e Memória”, oferecida como optativa no curso de história da Universidade Estadual do Centro-Oeste, no ano de 2015. O trabalho foi elaborado como trabalho final da disciplina e, sobretudo, com intuito de visualizarmos a teoria, estudada em sala, por meio de uma prática historiográfica. Acreditamos que, junto à professora Ana Paula Wagner, tivemos uma série de reflexões teóricas importantes e, juntamente por isso, conseguimos um bom desempenho na pesquisa e na produção do texto final. Sendo assim, acreditamos que este texto pode vir a contribuir para outros estudos, abrindo possibilidades para um olhar histórico sobre os “lugares de memórias” e a interação cotidiana da população com os mesmos; também temos em mente que o texto vem a calhar como documento útil para professores, sobretudo imbituvenses, interessados em trabalhar a história local; e, ainda por último, o texto vem a contribuir para a construção da história de Imbituva, por meio da inserção de um novo olhar onde se insere o próprio cotidiano da cidade e os “lugares de memória”.

O estudo da Praça Theodoro Newton Diedrichs, como “lugar de memória”, tal qual Pierre Nora o concebe, emerge com a pretensão de compreender o espaço público, seja pelo viés da idealização de seus fundadores, seja pelo viés da

**XI Semana de História,
IV Jornada de Integração Graduação e Pós-Graduação e
VI Seminário de Estudos Étnico-Raciais**

História e Cultura dos Povos Tradicionais

apropriação popular. Desse ponto de vista, a nossa pesquisa se insere na problematização da Praça Theodoro Newton Diedrichs, buscando compreender o fenômeno (praça) como uma estrutura permanente na idealização, porém dialético em suas mais variadas apropriações culturais. As praças fazem partes do mundo cotidiano e se inscrevem no tempo, tornando-se um referencial da identidade de um coletivo, de uma cidade.

O presente texto irá - por meio de relatos informais e informação jornalística – trabalhar com o conceito de “apropriação”, de Michel de Certeau e “lugar de memória”, de Pierre Nora.

PRAÇA THEODORO NEWTON DIEDRICHS

A Praça Theodoro Newton Diedrichs está localizada na parte mais elevada e central da cidade, permanece em um local estratégico, onde todos os imbituvenses acabam, por várias vezes, utilizando e apropriando-se dela. O lugar também se torna estratégico porque a própria paróquia da cidade encontra-se neste espaço. Assim sendo, o lugar é sempre visitado, estando constantemente sendo interiorizado e reinterpretado pelas pessoas que ocupam esse espaço, e cada qual interpreta e dá sentido ao mesmo fenômeno (praça) à sua maneira. Algumas pessoas enxergam a praça como lugar para prática de esporte, no caso os capoeiristas que a utilizam para promover rodas; já outras pessoas enxergam o mesmo lugar para promoção da arte, nesse caso os jovens que se reúnem para cantar e tocar violão. Ainda há aqueles que utilizam a praça como simples lugar de espera, espera para o início da missa ou espera para um encontro, seja amoroso ou não, e depois desocupam o local.

Entre todos aqueles que freqüentam a praça é perceptível o número maior de jovens. As pessoas de meia idade ou idosas podem ser encontradas em outros momentos, como nos dias festivos e horários anteriores a missas. Todas essas pessoas – jovens, idosos ou meia idade- possuem uma forma de leitura sobre o que é a Praça Theodoro Newton Diedrichs: alguns enxergam nela um lugar para o lazer, sem perceber o lugar como um projeto de homenagem e permanência memorial de um único homem, no caso o Dr. Nuna, nem se interessando pelo sentido real de seu

**XI Semana de História,
IV Jornada de Integração Graduação e Pós-Graduação e
VI Seminário de Estudos Étnico-Raciais**

História e Cultura dos Povos Tradicionais

nome, muitos deles desconhecem nome real da praça e costumam chamá-la de Praça da Matriz, ignorando seu nome “verdadeiro” e se apropria do espaço, não como um lugar de memória para Dr. Nuna, mas sim como um “lugar de memória” ao qual eles mesmos fazem parte, e desse modo percebe-se inserido no próprio lugar histórico. Nesse público se encontram, em grande maioria, jovens; e, quando questionados, em uma conversa informal, sobre como enxergam a praça estes disseram que “a Praça da Matriz é um espaço onde eles utilizam para o lazer e que remetem muitas lembranças pessoais e do coletivo”, ou seja, não concebem a praça como um espaço de homenagem ao Dr. Nuna, mas como um local onde eles mesmos são os protagonistas e homenageados. Outros, em casos mais específicos e ligados geralmente a uma faixa etária de adultos, na média dos 40 anos, concebem a praça como um espaço em homenagem ao Dr. Nuna e quando questionados, também em conversas informais, sobre como viam a praça, foram sucinto em dizer que “esse lugar é cheio de história e nos faz lembrar o Dr. Nuna, grande médico e piedoso que atendia a todos independente da classe, mas também faz lembrar as festas e os encontros”. Nesse caso, as pessoas ao falarem da praça não se referem somente a eles próprios, mas também a figura de Dr. Nuna e sua importância para a cidade.

Assim sendo, a praça ganha variados sentidos e apropriação, demonstrando ser um lugar de memória, que nasceu com o propósito de fazer lembrar Dr. Nuna, que, no entanto, também ganhou sentidos diversos de seu propósito inicial.

DR. THEODORO NEWTON DIEDRICHS

Consta no *Jornal Imbituva Hoje Regional* (GRAESER, 2015), o jornal mais antigo da cidade (ainda em circulação), em uma publicação de 15 de julho a 30 de julho de 2015, em um artigo intitulado “Breve Relato Sobre a Vida de Theodoro Diedrichs” que Dr Nuna foi além de médico, artista amador e prefeito da cidade. O mesmo artigo comenta sobre a missa realizada no dia 5 de julho em memória do Dr. Theodoro Diedrichs.

O Jornal traz uma síntese biográfica, escrita por sua própria neta, Maredy Graeser Abib. A síntese biográfica conta sobre o médico, o político e o amador nas

**XI Semana de História,
IV Jornada de Integração Graduação e Pós-Graduação e
VI Seminário de Estudos Étnico-Raciais**

História e Cultura dos Povos Tradicionais

artes plásticas e na música. Segundo o Jornal, Dr Nuna nasceu em Porto União, Santa Catarina, em 30 de junho de 1915. Cursou medicina na Universidade Federal do Paraná, formou-se em 1940 e atuou na cidade de Imbituva. Em Imbituva ficou conhecido como um médico que estava sempre disposto a salvar vidas, independente de o paciente ter condição de pagar seu trabalho ou não. Dr. Theodoro Newton Diedrichs era mais conhecido como Dr. Nuna. Ele além de ter atuado como médico foi prefeito de Imbituva por dois mandatos (1959-1963 e 1973-1974), em sua carreira política construiu o campo do Clube Atlético Imbituvense e fundou o Colégio Genecista, depois o mesmo colégio ganhou seu nome em homenagem. Dr Nuna faleceu em 1974 e, conforme Graeser relata no Jornal:

O dia 3 de dezembro de 1974, quando vínhamos em cortejo com o corpo do Dr Nuna para ser velado na Câmara Municipal, quando mais ou menos uns 500 metros antes do trevo principal, havia carros infileirados dos dois lados da BR esperando a sua chegada e todos com lágrimas nos olhos acenando. (GRAESER, 2015, p. 8)

LUTA CONTRA O ESQUECIMENTO

Segundo Madery Graeser Abid, neta do Dr Nuna, em uma conversa informal através de uma rede social (facebook),

A praça foi uma homenagem póstuma. A família compareceu e existem fotografias. Porém, o que marcou a sua vida foi o amor pela medicina e pelos pobres. Foi prefeito em três gestões. Apesar, dos 42 anos de sua morte ele é lembrado com carinho pelo povo Imbituvense. Por ocasião do seu centésimo aniversário, o povo imbituvense prestou uma homenagem com uma missa solene na Matriz Santo Antonio.

Um lugar de memória é segundo Pierre Nora, “antes de tudo, restos. A forma extrema onde subsiste uma consciência comemorativa numa história que a chama, porque ela a ignora” (NORA, 1993, p. 12) Pierre Nora, em seu texto *Entre a Memória e história*, nos diz que a sociedade contemporânea, capitalista e veloz, não deixa possibilidade de uma história-memória, aquela que existiu no século XIX e oferecia um sentido, pois tratava a história como processo e unificava passado e presente dando a história à dialética da vida e se aproximando muito de um tempo vivo, pois o passado não estava morto. Nas palavras de Nora, "a verdadeira percepção do passado consistia em considerar que ele não era verdadeiramente passado" (NORA, 1993, p. 18).

**XI Semana de História,
IV Jornada de Integração Graduação e Pós-Graduação e
VI Seminário de Estudos Étnico-Raciais**

História e Cultura dos Povos Tradicionais

E nesse aspecto a Praça de Imbituva aparece como um lugar de memória, pois ela está ancorada em um medo do esquecimento, produto da sociedade capitalista que atropela qualquer memória e a lança para o esquecimento. Nesse caso a praça está estritamente ligada ao conceito de lugar de memória, pois conforme Nora,

Os lugares de memória nascem e vivem do sentimento que não há memória espontânea, que é preciso criar arquivos, organizar celebrações, manter aniversários, pronunciar elogios fúnebres, notariar atas, porque estas operações não são naturais. (NORA, 1993, p. 13)

Aqui vale notar que, na própria fala da Neta de Dr. Nuna se encontra a noção de “homenagem póstuma”, essa homenagem póstuma só é necessária em um mundo de esquecimento, pois em sociedades-memória, onde ainda permanece a dialética da lembrança, não haveria esta necessidade. Fica perceptível na análise das falas dos cidadãos e da celebração da missa em sua memória, que o “lugar de memória”, no caso da Praça de Imbituva, é um lugar necessário para remeter a um passado, ainda não tão distante, e reafirmar aquilo que doutro modo poderia ser esquecido através do tempo. Caso a praça não existisse, então provavelmente só algumas pessoas se lembrariam de quem foi Dr Nuna, pois percebemos um esquecimento nas gerações contemporâneas em relação ao sujeito histórico Dr Nuna. Porém como existe esse lugar de memória, que é a praça, foi possível alguém, no caso, familiares e amigos de Dr. Nuna, encontrar uma forma de reviver aquilo que estava sendo esquecido. Foi uma noção de ruptura e um sentimento de consciência, que teriam de encarnar novamente essa memória ao espírito do tempo, nas palavras de Nora:

Momento de articulação onde a consciência da ruptura com o passado se confunde com o sentimento de uma memória esfacelada, mas onde o esfacelamento desperta ainda memória o suficiente para que se possa colocar o problema de sua encarnação. O sentimento de continuidade torna-se residual aos locais. (NORA, 1993, p. 01).

Coloca-nos Lúcia Lippi Oliveira, em *As festas que a República Manda Guardar*, “A comemoração serve para exorcizar o esquecimento” (OLIVEIRA, 1989, p. 173), e essa idéia de exorcizar o passado aparece, no caso de Dr. Nuna, sob forma de uma missa em sua memória; nas palavras de sua própria neta, “por

**XI Semana de História,
IV Jornada de Integração Graduação e Pós-Graduação e
VI Seminário de Estudos Étnico-Raciais**

História e Cultura dos Povos Tradicionais

ocasião do seu centésimo aniversário, o povo imbituvense prestou uma homenagem com uma missa solene na Matriz Santo Antonio”.

O lugar de memória, sendo o ritual de uma missa, no caso da Missa em celebração ao Dr. Nuna, ou o espaço da praça da cidade, com suas árvores, bancos e a própria Igreja, em todos seus aspectos, é uma luta contra o tempo. Também a memória, o ato de estar sempre lembrando e a história como escrita explicativa, são formas de luta contra a ação do tempo, pelo qual nada escapa. Assim sendo, “nesta medida, arquitetura, memória e história poderiam ser definidas como atividades humanas marcadas pelo enfrentamento com o tempo, assegurando registros voltados para a durabilidade.” (PESAVENTO, 2005, p. 15)

APROPRIAÇÃO POPULAR DA PRAÇA DE IMBITUVA

A idéia de uma massa passiva, que só consome e reproduz aquilo que está posto sem alterá-la foi posto em xeque por Michel de Certeau, que estabeleceu um novo olhar sobre a massa: onde a população se apropria das coisas oferecidas e reinventa o cotidiano dando novos sentidos. Conforme Duran (2007, p 119):

Essa invenção do cotidiano se dá graças ao que Certeau chama de “artes de fazer”, “astúcias sutis”, “táticas de resistência” que vão alterando os objetos e os códigos, e estabelecendo uma (re)apropriação do espaço e do uso ao jeito de cada um. Ele acredita nas possibilidades de a multidão anônima abrir o próprio caminho no uso dos produtos impostos pelas políticas culturais, numa liberdade em que cada um procura viver, do melhor modo possível, a ordem social e a violência das coisas.

Assim sendo, os cidadãos imbituvense apropriam-se da praça e dão vida a ela, fazem um elo entre tempos distintos, criando assim um tipo de tríade, semelhante aquilo que Paul Ricoeur chamou de tríplice mimese, ao tratar do tempo e narrativa (BARROS, 2011). O cidadão se apropria de um “lugar de memória” através “do presente pela visão, o passado pela memória e o futuro pela expectativa” (BARROS, 2011). Desse modo, percebemos o cidadão como agente social ativo e interpretador do presente, por meio de articulações entre aquilo que foi, aquilo que é e aquilo que será. Assim sendo, esse modo dialógico, que foge da concepção aristotélica do tempo dos astros (o tempo dos astros, cronológico), nos leva a idéia de que “habitar uma cidade, viver em espaço urbano é, forçosamente,

**XI Semana de História,
IV Jornada de Integração Graduação e Pós-Graduação e
VI Seminário de Estudos Étnico-Raciais**

História e Cultura dos Povos Tradicionais

dotá-la de condições para que nela se exerça a vida para além do tempo do agora.” (PESAVENTO, 2005, p.14).

O cidadão imbituvense, no caso dois mais jovens, apesar de não estarem estritamente ligados com o passado longínquo da fundação, ainda assim possuem um elo entre o lugar e o passado, não aquele distante, mas o passado do tempo presente. O Jovem se liga há um tempo necessariamente dele próprio e de sua geração, dando uma significação distinta das gerações mais antigas, vê na praça um local onde eles próprios se manifestaram como agentes e se inscrevem por apropriações dela como local de lazer, de local de prática esportiva e de local para cantarem e tocarem seus violões. No caso das gerações mais velhas, elas fazem um elo maior, reconhecem a fundação e o porquê do nome, já ligam o nome a um personagem histórico do passado, no caso Dr. Nuna. Como exemplifica Passamento, o cidadão está sempre a “Renovar e reabilitar, jogando, desde o presente, as dimensões do passado e do futuro de uma cidade, seria outra forma de exercer a cidadania, entendendo que habitar a cidade implica dotar seus habitantes deste direito de usufruir vários tempos.” (PASSAVENTO, 2005, p. 14)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em suma, percebemos que a Praça Theodoro Newton Diedrichs, localizada em Imbituva-PR, é um lugar de memória onde há um elo entre presente e passado, estando sempre em luta contra o esquecimento. Percebemos também que há várias formas de apropriar-se o mesmo local, isso articulado ao contexto histórico-social de cada cidadão, dependendo da geração há uma forma de identificação com a Praça; porém em termos gerais ela liga todos os cidadãos imbituvenses em uma identidade de pertencimento com a própria cidade.

Também fica claro que há uma intenção de “resgate” na celebração ocorrida em 05 de junho de 2015, pois o fato foi notificado no Jornal de Imbituva Hoje Regional, que possui uma circulação relevante. Assim sendo, se a notificação do jornal não causou uma reflexão geral aos imbituvenses a respeito da figura pública Dr. Nuna, ao menos levou certo número de pessoas a refletirem sobre o passado, inclusive o autor deste artigo.

REFERÊNCIAS

- BARROS, José de Assunção. *Paul Ricoeur e a Narrativa Histórica*. Rio de Janeiro: História, imagem e narrativas, 2011.
- DURAN, Marília Claret Geraes. Maneiras de Pensar o Cotidiano com Michel de Certeau. Curitiba: *Diálogos Educ*, v. 7, n 22, 2007.
- GREASER, Abid Maredy. Breve relato da vida de Theodoro Newton Diedrichs. *Jornal Imbituva Hoje Regional*, Imbituva, 15 de jul a 30 de jul. 2015. Caderno Geral, p 08.
- NORA, Pierre. “Entre memória e história. A problemática dos lugares.” In: Projeto História. São Paulo: PUC, n. 10, 1993
- OLIVEIRA, L. L. As festas que a República manda guardar. *Estudos Histórico*. Rio de Janeiro, 1989.
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. Cidade, espaço e tempo: reflexões sobre a memória e o patrimônio urbano. *Fragmentos de cultura*. Goiânia: IFITEG, v. 14, n.9, 2004.
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. História, memória e centralidades urbanas. Goiânia: *Revista Mosaico*, 2008